

Nancy Huston. *Une adoration*. Paris:
Actes Sud, 2003. 412p.

Nubia Hanciau

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Desde a abertura do último romance de Nancy Huston, *Une adoration* (2003), percebe-se através da citação de Romain Gary, em epígrafe, que a personagem romancista está preocupada em assegurar ao leitor que ele lerá uma “história verdadeira”, esta que ela começa a contar: *Ceci est une histoire vraie, je vous le jure* (p. 11). Escolhe duas epígrafes iniciais — a de Gary e uma frase de Rilke dedicada a Lou Andréas-Salomé, na qual ele diz: *Toi seule est réelle*, jogando com a verdade, mas também com um elemento vital à literatura, a ambigüidade, abrindo assim as portas da fantasia do leitor, que colocará em paralelo a descrição e a interpretação do fato. Mas será realmente a verdade o que buscamos em um romance?

Sabe-se que é com o leitor que o autor conta para ser compreendido, é dele que depende para existir:

“atenção então, é importante; serás o único juiz, como sempre”, lê-se ainda na primeira página do romance, afirmação que cria uma relação entre a intimidade das pessoas e as coisas que as cercam para conduzir o inquérito — e a trama da narrativa — até a fronteira do verossímil.

A intriga é a seguinte: Cosmo está morto. Era artista, fazia performances em carreira internacional. Com suas mímicas, ora levava a pensar em Marcel Marceau, ora na personagem Donald O’Connor, de *Singing in the rain*. Inconscientemente Cosmo decide não ser ninguém em particular, mas transportar todo tipo de gente encontrada a sua volta e em seu interior, homem ou mulher, francês ou estrangeiro, velho ou jovem, revelando assim a aspiração de ser o Criador por excelência, capaz de personificar qualquer elemento in/animado de Sua criação. Era *un fou d’histoires*, adorava todas elas e para todas tinha uma versão especial. Na trajetória de suas solitárias

performances assumia inúmeras identidades, projetando-se em cada uma. Para Cosmo o “teatro não era um tempo passado nem uma profissão, era uma necessidade vital”; o público o amava e ele amava o público, no sentido próprio e no figurado; viviam inseridos um no outro, até que alguém, que desgostava de sua megalomania e bissexualidade polimórfica, o assassina.

An adoration (Toronto: McArthur & Company, 2003) — título em inglês, tradução pela própria autora de mais uma obra escrita primeiramente em francês, tomado de um dos monólogos do famoso ator, também denominado *Une adoration* — retrata a relação instável entre dois amantes. No romance, durante treze dias que se constituem em capítulos da obra, mais de doze testemunhas oferecem seu ir/real depoimento sobre a vida de Cosmo, seus amores, sua morte, vividos numa cidade média interiorana. Pelo *décor* — a França — e o assassinato localizado no final dos anos

1980, caracterizados pelo racismo, os suspeitos previsíveis são a garçonete Elke, amante de Cosmo, seu filho mais velho, um psicopata ciumento, o parceiro *gay*, último grande amor de Cosmo, e, inevitavelmente, o ladrão do gueto argelino local. Mas o que importa, deixando de lado a advertência inicial da romancista, é ouvir as testemunhas no tribunal durante o processo romanesco provocado pela morte do ator.

Instâncias inesperadas tomam a palavra, entre elas, a faca que o matou, um pão *baguette*, o cedro do Líbano, a passarela sobre o rio, o lago gelado, a ponte, o psiquiatra especialista, Don Juan, que reclama do abusivo uso de seu nome para falar de Cosmo e dos preconceitos dos quais ele é vítima, um coro de mulheres, e a própria romancista — que logo deixa seus leitores perceberem que serão os juízes, antes mesmo de as testemunhas aparecerem em cena — auto-alertando-se para frear o ardor que imprime às personagens. Todas elas exercem influência no destino das mulheres e dos homens que depõem no tribunal. O juiz, *Votre Honneur*, é Deus e também eu e você, leitores do romance, interpelados freqüentemente, convocados a depor junto às outras pessoas, familiares e aos seres inanimados. Segundo a romancista, trata-se de uma

fantasmagoria, como habitualmente”. As testemunhas, uma a uma, farão qualquer coisa ao seu alcance para convencer e surpreender *Votre Honneur*. “Vou emprestar-lhes minha voz, mas é com você [Leitor ou leitora] que elas contam para serem compreendidas (...), para existir” nesse processo, que não se conclui com nenhum veredicto, nenhuma sentença, mas que cabe a quem o ler distinguir o verdadeiro do falso, decidir entre as narrativas contraditórias e as provas incompletas, se o assassinato de Cosmo foi por compaixão ou passional.

La Fontaine é o nome do bistrô onde pela primeira vez Elke, a garçone e mãe de Fiona e de Frank, o encontrou. Inventor de histórias, *sketches* que recitava na infância e na juventude sobre a passarela do rio Arnon, ele os encenará mais tarde nos mais famosos teatros do mundo. Cosmo balança o coração de Elke. Mas como acreditar que esse grande e adulado artista possa estar interessado em uma garçone divorciada, mãe de dois filhos que serve num bistrô em um vilarejo perdido no interior da França, na região do Berry? Esse amor, no entanto,

vivido na maioria das vezes à distância, caracteriza-se pela generosidade e desinteresse. E é sustentado por Elke, que raramente esmorece durante a audiência ao longo do processo, nem ante às acusações ao amado. O ciúme que Frank tem do homem a quem chamou de “o palhaço fornicador”, que acendeu a chama nos olhos de sua mãe, luz mantida mesmo depois de sua morte, é um dos motivos evocados para explicar o assassinato de Cosmo com um golpe de punhal.

Amado por mulheres e homens, adorado por Elke, o artista foi perseguido por enxaquecas e provavelmente por um tumor no cérebro no final de sua vida. Para descrever esse artista megalômano, importunado pelo ardor dos “cosmófilos”, Nancy Huston elabora suas personagens tal qual Cosmo criava seus *sketches*, a partir de situações vividas, retomadas e transformadas pelo imaginário. É por intermédio de Cosmo e Elke, esta uma *accro de l’imaginaire*, que Huston anima e dá forma à sua narrativa.

Depois de *Instruments des ténêbres* (1996), *Une adoration* é o segundo romance *berrichon* em que a escritora, nascida em Calgary, aproveita para restituir mais uma vez o interior da França e sua rusticidade. Ela e seu marido, Tzvetan Todorov, outro exilado, intelectual de origem búlgara, têm uma casa no Berry,

transformada em terra de adoção, onde a escritora fundamenta seu trabalho ficcional, realizando pesquisas em documentos. Para este último livro, particularmente nos edifícios da Chancellerie de Bourges, no hospital psiquiátrico de Ville-Evrard e no Chezal-Benoît, ela vai consultá-los, “um ponto de partida, um pequeno pedaço de realidade”, segundo ela, “para sustentar o sonho.

Em *Dolce agonia* (1999), o leitor descobre que sua imaginação não tinha poderes para enfrentar Deus, instância suprema que norteia as vidas das personagens do início ao fim da obra. Em *Une adoration*, a romancista lhe confere o ativo papel de juiz. Mas as personagens desconfiam de *Votre Honneur* — cuja autoridade não impressiona —, começando por Frank, o filho de Elke que O interpela: *En quoi ça vous regarde, ce qu'on déballe ici toutes nos salades? Qui êtes-vous pour qu'on vous révèle ainsi nos secrets les plus intimes? Alors que, de vous, nous ne savons rien du tout: ni votre nom, ni votre nationalité, ni même votre sexe. Motus et bouche cousu! Commode votre*

silence! Je vous emrnerdel

Nancy Huston sustenta que tudo pode ganhar vida através das palavras. Quando se evoca um objeto, são nossas palavras que lhe dão vida; quando se fala de um morto, o presentificamos. Temos todos necessidade de testemunhas, diferentes de nós mesmos. Quando somos “atravessados” pelas personagens, suas histórias às vezes fazem eco ao que vivemos e nem sempre compreendemos ou não é possível compreendermos. A própria autora tem suas reservas: Se não há Deus, só resta o amor para que a vida tenha um sentido, um amor que seja atenção e escuta, um amor ligado ao sonho, ao imaginário e à linguagem, que retiraria a adoração de sua inelutável relação com a crucifixão”.

Mais uma vez Huston surpreende com sua inventividade. A lista de objetos que desempenham o papel de personagens tem sido pouco explorada por romancistas, mas constituem um amplo mundo, assustador, em *Une adoration*. Inicialmente não há crime nem acusado. A escritora dedica-se a fazer o processo da paixão, no particular e no genérico, com a verve que a caracteriza, apontando a interconexão cultural dos elementos que convoca para construir sua história, deixando a sensação de que nada do que é humano lhe é estranho,

especialmente quando relações entre maridos e focaliza os múltiplos mulheres, pais e filhos, amantes, conflitos existentes nas audiências e performances.